

ALFREDO GUISADO E A IMAGOLOGIA DOS GALEGOS EM PORTUGAL

Carlos Pazos Justo

Este trabalho tem por objetivo geral descrever e analisar a posição do produtor literário Alfredo Guisado no relativo à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX. Por seu turno, é nosso objetivo evidenciar algumas das ideias, tendências e interesses envolvidos na evolução da imagem da Galiza e dos galegos em Portugal, a partir, sempre, do trajeto literário / cultural guisadiano.^[1]

Porquê Alfredo Guisado? Em função das pesquisas que temos feito, a trajetória de Alfredo Pedro Guisado (1891-1975) é, no mínimo, pouco comum no âmbito do campo literário português que vai de, *grosso modo*, 1910 até inícios da década de 30.^[2] Com efeito, na biografia de Alfredo Guisado concorrem diferentes elementos que orientarão (e explicarão em parte) tomadas de posição singulares.

Alfredo Guisado é descendente de emigrantes galegos em Lisboa (ele será da primeira geração a nascer portuguesa). Como português vinculado ao enclave galego de Lisboa, mantém importantes ligações a este e à terra de origem dos seus pais (Ponte-areas / Mondariz, no Sul da Galiza), durante a década de 10 especialmente, mas também na de 20. Deste modo, Alfredo Guisado participará ativamente nas iniciativas do enclave galego

1 Este trabalho enquadra-se no nosso projeto de Doutoramento em curso sob o título *Relações intersistémicas no espaço cultural ibérico: O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1936)*.

2 Abordámos o percurso guisadiano para o período que vai de 1910 até 1921 em Pazos (2010).

de Lisboa, assim como acompanhará de perto, até o ponto de implicar-se pessoalmente, o acontecer político e literário / cultural coetâneo da Galiza.

Por outro lado, o produtor em foco foi um dos membros iniciais do Grupo de *Orpheu* de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, entre outros. A sua posição atual na história da literatura portuguesa (e galega) é, sinteticamente, periférica, estando na prática obscurecida pelo brilho deslumbrador do *fenómeno* Pessoa, fundamentalmente. Foi, todavia, um membro destacado do Partido Democrático de Afonso Costa na década de 20 até ao Golpe militar de 26, quando era deputado na Assembleia da República. Foi, enfim, um agente multifacetado que em numerosas ocasiões atuou como *intermediário*³, tanto no campo político como no literário, em Portugal e também na Galiza.

Dito isto, será necessário descrever esquematicamente como era a imagem da Galiza e dos galegos em Portugal em fins do século XIX, âmbito pouco estudado mas que oferece alguns consensos. Segundo a informação manejada, a imagem da Galiza e dos galegos em fins do século XIX e inícios do XX estava estreitamente ligada ao fenómeno migratório galego que tinha Portugal, e particularmente Lisboa, como ponto de destino de preferência (cf. González, 2006: 260). Consequentemente, o imaginário português / lisboeta a respeito da Galiza, e especialmente dos galegos, nutre-se mormente de elementos vinculados aos emigrantes galegos em Portugal. Assim, segundo Domingos L. González Lopo, em Portugal:

fixou-se o estereótipo do indivíduo rústico, ignorante, bruto, com uma forma de falar que provoca o riso, avarento e disposto a tudo desde que para tal ganhasse um *pinto*. (González, 2006: 253; itálico no original)

A presença deste imagotipo é facilmente registável em numerosos produtos literários / culturais portugueses do século XIX e também do século XX.⁴ Pense-se nos *galegos* de Bordalo Pinheiro ou de Eça de Queirós (cf. Rodríguez & Torres, 1994).

3 Usamos aqui *intermediário* no sentido que o utilizam Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux no âmbito das relações literárias e culturais (cf. Machado & Pageaux, 2001: 19 e ss.).

4 Neste sentido, a presença dos *galegos* e variantes na fraseologia portuguesa (“Trabalhar como um galego”, “Debaixo de galego, só um burro”, “Pariu a galega!” etc.) é um testemunho altamente elucidativo. Segundo Grygierzee & Ferro: “O galego na fraseoloxía portuguesa ten unha parte positiva (traballador e fiel) pero ten tamén as características negativas que en todas partes se atribúen ós inmigrantes: groseiro, bruto, ineducado, covarde, pouca cousa, cargado de fillos e de problemas. Por veces atribúenselle as características dos animais de carga: os galegos fan esforzos importantes e útiles pero a importancia está na forza e non na intelixencia, no músculo e non no cerebro.

Não obstante, a imagem dos galegos em Portugal, longe de apresentar uniformidade, irá, desde fins do século XIX, adquirir novos significados ao darem-se as condições para o surgimento de um novo imagotipo, veiculador de afinidades de variado tipo entre a Galiza e Portugal, entre galegos e portugueses, fruto do labor planificador de grupos galegos e portugueses.^[5]

Neste quadro geral, Alfredo Guisado notabiliza-se como membro ativo do enclave galego em Lisboa, como registou, entre outras fontes, o semanário local *El Tea* (Ponte-Áreas). A partir de 1912, Alfredo Guisado inicia mesmo uma intensa colaboração com este jornal, ora como poeta, ora como correspondente em Lisboa. Com origem, em parte, nesta colaboração literária em *El Tea*, em 1913 publica o seu primeiro livro de poemas, *Rimas da Noite e Tristeza*, onde inclui o poema “Duas terras”:

[...]

E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:

– “Adeus campos de trigo que ceifei,

Sino da minha aldeia que escutei

E tantas vezes, tantas, me embalou.

Minha terra adorada, ó terra qu’rida,

O’ terra onde nasceram os meus pais,

Eu te dirijo a minha despedida!”

E fêz-me repetir triste também:

– “O’ terra onde nasceram os meus pais,

Eu te dirijo a minha despedida!”

Porém sentindo assim

A Nostalgia rápida de ti,

Não julgues que te quero como quero

Ao lindo Portugal, onde nasci! (Guisado, 1913: 67-68)

Em “Duas terras”, destaca-se o facto de não renunciar à sua *dupla* origem ou identidade (cf. Galhoz, 1995: 226-227), apesar da imagem negativa associada à primeira.

O galego ofrece a imaxe do inmigrante útil e fiable pero que simboliza ó mesmo tempo tódalas contrariedades da vida. Unha figura que globalmente non é apetecible” (Grygierzee & Ferro, 2009: 103).

5 O assunto, em geral, longe de estar esgotado, merece um estudo pormenorizado; especialmente no relativo às épocas mais recentes (cf., por exemplo, Grygierzee & Ferro, 2009: 104-107). Sobre os grupos interessados na elaboração e implementação das reais ou imaginadas afinidades entre galegos e portugueses seguimos aqui as teses de Elias Torres (cf., por exemplo, Torres, 1999 e 2008).

A sua implicação nos movimentos sociais e políticos galegos coetâneos vai ser inaugurada com a intervenção decidida no agrarismo galego da altura a partir de fins de 1913. *El Tea* transcreve assim um discurso guisadiano sob o título “Crónica de Lisboa. Assembleia agrária importante”:

Nuestra Galicia, ese pedazo de tierra que el mar viene a besar con respeto, cuna de poetas, patria de flores, nos merece una amistad tan grande y un amor tan profundo, que debe de ser un pedazo de nuestra propia alma.

Es nuestra madre. La madre que llora por nosotros, que nos bendice cuando partimos para lejos, que nos enseña a sufrir y a amar. Y, esa madre de toda bondad, bien lo sabeis, compañeros, vive acorralada, sus manos sangran, mal camina, apenas se levanta, no tiene casi quien la ampare.

[...]

Somos nosotros aquellos que partieron en busca del sustento, aquellos que trabajan para dar de comer a los nada hacen. Pues bien: es necesario acordarnos, comprender lo que debemos hacer, y, unidos en un fuerte haz, como un sólido hombre, ir a despedazar las cadenas que oprimen los pulsos de nuestra pobre tierra. Para que esa unión sea un hecho, se hace menester que se funde una sociedad donde nos encontremos y trabajemos a la sombra de esa bandera. Es a eso a lo que aquí venimos. No es la fundación de una Federación de Sociedades de Agricultores. Es más que eso. Es la unión de todos aquellos en cuyas aldeas y haya o no sociedades, una unión fuerte, indisoluble, grandiosa, donde palpite la misma alma y el mimo ideal: el engrandecimiento de nuestra tierra, haciendo ver a esos zánganos que comen lo que nosotros ganamos que aún no estamos muertos. (*El Tea*, 12/03/1915)

No discurso guisadiano, de acentuado tom político, é notória a vontade explícita de participar na articulação de estruturas de tipo sindical vinculadas à metrópole, no âmbito da colónia galega de Lisboa. Mas é expressão também da sua vinculação ao acontecer metropolitano e às iniciativas do enclave.

Lembre-se a este respeito que em 1915 Alfredo Guisado forma parte do Grupo do *Orpheu*, com Fernando Pessoa à cabeça. Como integrante do Grupo do *Orpheu*, além de contribuir significativamente para tentar dar a conhecer a tomada de posição do grupo na Galiza⁶, cremos que à sua influência, direta ou indireta, se deve a existência de um heterónimo pessoano de origem galega, Alberto Caeiro, que Guisado teria visto em terras galegas, segundo afirma em carta a Pessoa datada em 1914. Assim mesmo, as afirmações pessoais sobre a Galiza devem estar também vinculadas à

6 Esta é a tese que defendemos em função das notícias que da revista de *Orpheu* se publicaram na Galiza (cf. Pazos, 2011).

posição guisadiana (cf. Taibo, 2010: 299-307). Afirmava Fernando Pessoa, por exemplo:

Já o problema da Galiza se não assemelha ao problema catalão. O incerto separatismo galego também não pode visar à independência da região, mas já pode visar, sem crime de lesa-Ibéria, à integração no estado português. Há tantas razões para a Galiza ser região espanhola, como para ser parte de Portugal (não digo “região portuguesa”, porque Portugal é uno). Integrada na Espanha, a Galiza segue uma continuidade histórica e não perde pé no valor civilizacional. Integrada em Portugal, fica parte do estado a que por natureza e raça pertence, e também não perde pé no valor civilizacional, porque passa a ser parte de outra nação europeia definida civilizacionalmente. (*apud* Fontenla, 1987: 358)

A partir de 1918 / 1919, paralelamente ao fortalecimento do galeguismo político na Galiza, as intervenções guisadianas relacionadas com a imagologia dos galegos em Portugal tornam-se cada vez mais explícitas. Em 1919, em carta publicada n’*O Jornal*, à volta de uma das iniciativas dos galeguistas metropolitanos secundada por membros da colónia galega, Alfredo Guisado, sob o pseudónimo Pedro de Menezes, dizia:

Quererás tu [António Ferro], no teu Jornal, dizer duas palavras em favor daquela pobre Galiza de quem ninguém fala, *de quem todos se riem* e que foi a Pátria de Rosalia Castro e de Curros Enriquez? (Menezes, 1919; *italicos nossos*)

Nesse mesmo ano, 1919, começa a publicar poemas que depois vão ser recolhidos no poemário *Xente da Aldea. Versos Gallegos* (Lisboa, 1921), como é o caso de “El y Ela” (*A Nosa Terra*, 25/09/1919), onde literariamente desenvolve as reais ou imaginadas afinidades entre a Galiza e Portugal. Por seu turno, *Xente da Aldea* é expressão literariamente radical da vinculação de Alfredo Guisado ao programa político dos galeguistas metropolitanos, assim como da sua vontade de prestigiar a galeguidade de que, por ascendência e tomadas de posição, a sua trajetória é exemplo^[7]. No mesmo ano que publica *Xente da Aldea*, Alfredo Guisado afirma:

É necessário conhecer a Galiza. Lisboa desconhece a sua literatura como desconhece o momento político que aquela terra atravessa; ignora a sua Arte, como

7 Na resenha que o *Correio da Manhã* dedica a *Xente da Aldea* afirma-se: “É triste que em Portugal não se conheça melhor a Galliza, tão irmanada a nós por varias razões que é escusado invocar. É preciso amar a Galiza, como se ama uma irmã que é meiga e que não nos pede em troco mais do que um pouco de carinho” (*Correio da Manhã*, 12/04/1921).

ignora a sua ancia de liberdade. E a Galiza conta hoje com uma pleiade de artistas admiráveis, cujos versos são repetidos de boca em boca, cujos desenhos passam de mão em mão, com o mesmo cuidado, com a mesma religiosidade com que os fanáticos passam nos seus dedos, as contas dum rosário.

É necessário que, quando se fale na Galiza, não haja aquele sorriso malévolos que é do costume haver. A Galiza hoje é um lenço bordado que o vento da saudade sacode e que as mãos inquietas de seus filhos acariciam e erguem bem alto para atingir Deus. (Diário de Lisboa, 20/05/1921; itálicos nossos)^[8]

Parece evidente como um dos objetivos explícitos das tomadas de posição guisadianas visa deslegitimar o imago negativo dos galegos, recorrendo às afinidades ou vínculos que galegos e portugueses teriam para alguns grupos de Portugal e da Galiza. Note-se que esta era uma das vias possíveis, mas não a única. Na nossa leitura, no âmbito da colónia galega em Lisboa, um dos argumentos mais repetidamente invocados para apagar a imagem negativa apelava ao facto de os galegos imigrantes serem trabalhadores e honrados.

A citada apetência dos galegos pelo trabalho está de alguma forma presente no número de homenagem à colónia galega que *O Notícias Ilustrado* lhe tributa em 1929, encabeçado pelo título “Os galegos são nossos irmãos!” e com a indicação “Número extraordinário dedicado à colónia galaica” (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929). Na revista do *Diário de Notícias* intervém também Alfredo Guisado em linha com os postulados dos galeguistas.^[9]

A homenagem d’*O Notícias Ilustrado*, porém, longe de ser um ato isolado, terá que ser relacionada com as intervenções aparecidas na imprensa portuguesa e galega a partir de fins de 1928 e boa parte de 1929 à volta da

8 Pouco depois, e na mesma linha argumentativa, afirmava nas páginas da *Seara Nova*: “É necessário que essa idea que a maioria do povo de Lisboa e até de Portugal tem sobre esse país tão nosso irmão pela Raça, acabe e que se dê a conhecer tal êle é, em todas as manifestações da sua Arte.

[...]

E que o povo português os acompanhe, para que, uma vez volvidos ao seu país, lhe deem mais vida ainda com a fôrça da solidariedade adquirida nesta terra que tão hospitaleira tem sido para os seus filhos” (*Seara Nova*, 14/1/1922).

9 Antes de citar extensamente um dos galeguistas mais conhecidos e reconhecidos na altura, Alfredo Guisado afirmava: “Começa a fazer-se justiça à Galiza e aos galegos. Já se desenha uma forte corrente que os defende e que os coloca no seu verdadeiro lugar. É uma terra que vive tão perto de nós que lembra uma linda vizinha que habitasse uma casa cujo telhado fosse o mesmo e de cujas janelas se avistasse o mesmo mar e a mesma paisagem e sentisse dentro de si a mesma ternura e a mesma saudade. A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho” (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929).

Por outro lado, convém referir que duas semanas antes *O Notícias Ilustrado*, evocando os modernistas de *Orpheu*, tinha reproduzido fotos destes, entre as quais uma de Alfredo Guisado.

realização de uma Semana Portuguesa na Galiza. Neste sentido, Alfredo Guisado intervém no *Diário de Notícias* fazendo uma das mais acaloradas tentativas de deslegitimar o imagotipo negativo dos galegos que conhecemos. Sob o ilustrativo título “Galegos”, Alfredo Guisado afirma:

Antonio Ferro, que é uma pena brilhante, num admirável artigo publicado há dias sobre «A Semana Portuguesa na Galiza», refere-se a mim com palavras que muito agradeço, se bem que compreendo serem devidas sómente á sua velha amizade. O que é certo é que me obriga a escrever mais algumas palavras sobre o assunto, eu que, com uma simples carta, quis apenas não deixar no esquecimento uma iniciativa que pode ser mais um grito de orgulho de nossa Raça em terra de além-fronteira e, sobretudo, naquela que, por muitos motivos, se parece mais com a nossa, quer pela alma e sentimento do seu povo, quer pela semelhança dos seus usos e costumes. Como conheço bem a Galiza e como como conheço também o que são e o que valem os galegos, lamento que, por vezes, nós, portugueses, sejamos tão desagradáveis para com eles.

Sim, porque temos de confessar, a palavra-galego-anda constantemente cercada no nosso vocabulário dum grande desprezo e dum profundo ridículo. Sucede muitas vezes, quando se chega ao insulto, atirar com essa palavra por se supôr que ela encerra uma das mais agressivas e violentas ofensas. Já até tem acontecido aparecer nas colunas de alguns dos nossos diários como o termos encontrado que melhor pode amesquinhar determinado cidadão.

[...]

Ridicularizar, portanto, os galegos, pela sua língua, o mesmo será que ridicularizar-nos a nós próprios, falando do nosso glorioso passado literário.

Então será pela sua gente? Não encontro ainda o motivo, porque, se é certo que muitos daqueles que a sua emigração envia para a nossa terra em busca de fortuna por vezes não têm uma educação e uma cultura que seria para desejar, não menos certo é também que isso sucede com os emigrantes de todos os outros países e não nos merecem uma crítica tão mordaz nem uma tão irônica perseguição. A colônia galega, salvo algumas exceções, é uma colônia honesta e laboriosa, que sabe sentir como nenhuma outra todas as dores e todas as alegrias que nós, portugueses, sofremos e a nosso lado se encontra sempre para nos defender com carinho e com dedicação quando, porventura, nos pretendem atacar. É certo que entre os indivíduos que compõem essa colônia alguns há que, pela falta de aptidões ou pela ansia de encontrarem trabalho, se submetem a angariar o pão de que necessitam em trabalhos que ainda mais os sujeitam ao ridículo, mas isso não significa que sirva de regra para ser julgada uma colônia, por sinal das mais numerosas que se encontram em Lisboa. Não, não há motivo nenhum que justifique o ridículo e o desprezo com que temos durante tanto tempo cercado a palavra-galego. (*Diário de Notícias*, 17/02/1929)

E conclui:

O *Diario de Noticias*, levantando a iniciativa da realização duma «Semana Portuguesa» em terras de além-Minho, dando assim a conhecer naquela região, onde ha grandes artistas e admiraveis literatos, o que somos e o que valemos, muito ha-de contribuir para o conhecimento e respeito mutuos entre os dois povos. (*Ibidem*)

Alfredo Guisado, evidentemente, como agente vinculado ao enclave galego de Lisboa, está interessado em deslegitimar o estereótipo negativo. Recorrendo a supostas afinidades / proximidades de variado tipo entre galegos e portugueses e à honestidade e atividade laboriosa dos imigrantes galegos, longe de se distanciar do assunto, posiciona-se abertamente como defensor da *causa* galega em Lisboa.

NOTA FINAL

As diferentes tomadas de posição de Alfredo Guisado, descendente de galegos emigrantes em Lisboa, são expressão, em nosso entender, das estratégias interessadas (mas nem sempre com sucesso) que tinham por objetivo elaborar e implementar uma outra forma de imaginar os galegos em Portugal, longe da equação ‘galego igual a aguadeiro’ (ou carregador, ou moço de frete, ou criado, etc.).^[10]

Da análise do percurso guisadiano podemos também inferir que não eram apenas os galegos residentes em Lisboa os únicos interessados no novo imagotipo galego (mas sim provavelmente os mais ativos). Outros grupos e agentes colaboram ou participam intensamente na ativação desta nova forma de imaginar os nascidos ao Norte do rio Minho; o acolhimento que alguma imprensa portuguesa dá a estes assuntos assim o demonstra.

Por último, cabe apontar, ainda no que diz respeito à trajetória de Alfredo Guisado, o seguinte: face a várias opções que teria ao seu dispor no relativo à sua adscrição identitária (poderia posicionar-se como português apenas ou mesmo como português descendente de *espanhóis*), opta por vincular-se abertamente (lembre-se significativamente *Xente d'a Aldeia*) à Galiza e aos galegos; isto é, escolhe explicitamente vincular-se de alguma

10 Poder-se-ia falar aqui, seguindo a Joep Leerssen, de uma *imagem* (Leerssen, 2007: 344); isto é, como uma imagem dos galegos em Portugal constituída por dois pólos que se nutrem de elementos aparentemente antagónicos (por exemplo: bêbados mas trabalhadores ou distantes mas próximos).

forma a uma identidade objeto de escárnio público no Portugal das primeiras décadas do século XX. A análise e explicação desta escolha deve ser, entendemos, multifacetada. A ascendência galega, a pertença por via familiar ao restrito grupo de galegos abastados de Lisboa, a rede de relações que estabelece na Galiza ou até, talvez, uma atitude *inconformista* na linha dos modernistas de *Orpheu* que ele próprio integrou junto do novo olhar português sobre a Galiza e os galegos parecem estar por detrás desta opção guisadiana.^[11]

BIBLIOGRAFIA

- Correio da Manhã*, 1921.
Diário de Lisboa, 1921.
Diário de Notícias, 1929.
 FERRO RUIBAL, Xesús (2009), “Estereótipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués”, *Cadernos de fraseoloxía galega*, 11, pp. 81-111.
 FONTENLA RODRIGUES, José Luis (1987), “Pessoa e a Galiza”, *Nós. Revista galaicoportuguesa de cultura*, 7-12, pp. 21-38.
 GALHOZ, Maria Aliete (1995), “*Xente d’Aldea, versos gallegos* de Alfredo Pedro Guisado. Poeta de *Orpheu*”, *Colóquio/Letras*, 137/138, vol. II, pp. 226-233.
 GONZÁLEZ LOPO, Domingo L. (2006), “‘Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial”. In Ruben Lois González & Rosa Verdugo Matés (eds.), *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.
 GUISADO, Alfredo Pedro (1913), *Rimas da Noite e da Tristeza*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
 — (1921), *Xente d’Aldea. Versos Gallegos*, Paris / Lisboa, Ailland e Bertrand.
 — (1922), “Galiza e Portugal”, *Seara Nova* 6, 14/1/1922.
 GRYGIERZEE, Wiktoria & FERRO Ruibal, Xesús (2009), “Estereotipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués”, *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 11, pp. 94-105.
 LEERSSEN, Joep (2007), “Image”. In Manfred Beller & Joep Leerssen (eds.), *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, Amsterdam / New York, Rodopi, pp. 343-344.

11 Já noutro tipo de análise, parece-nos pertinente, como estudo a fazer, comprovar se a vinculação à Galiza e aos galegos de Alfredo Guisado beneficiou ou contribuiu para obscurecer, por exemplo, a sua produção literária. Resumidamente: do primeiro dos casos, poderia concluir-se que o novo imago tipo teria atingido uma posição relevante no imaginário português; do segundo caso, seria possível inferir que aquele não teria conseguido apagar o estereótipo negativo.

- MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri (2001), *Da literatura comparada à teoria da literatura*, 2ª ed., Lisboa, Presença.
- MENEZES, Pedro de (1919), “Uma Aldeia Galega na Flandres”, *O Jornal*, 3/12/1919. *Nosa Terra* (A), 1919.
- Notícias Ilustrado* (O), 1929.
- PAZOS JUSTO, Carlos (2010), *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laivento.
- (2011), “O primeiro modernismo português e a/na Galiza (1915): um caminho (im) possível”, In Xaquín Núñez (coord.), *Diálogos ibéricos sobre a modernidade*, Braga, Humus / CEHUM, pp. 41-61.
- RODRÍGUEZ, José Luis & TORRES FEIJÓ, Elias J. (1994), “A Galiza e os galegos na prosa de Camilo”. In *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- TAIBO, Carlos (2010): *Parecia não pisar o chão. Treze ensaios sobre as vidas de Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- Tea* (El), 1910-1936.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (1999), “Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)”, *Ler História*, 36, pp. 273-318.
- (2008), “A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego”. In *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].